

Resenha

CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, 151p.

*Dilaine Soares Sampaio*¹

Entende-se de modo praticamente consensual no campo de estudos afro-brasileiros, que a temática das religiões de matrizes africanas é de fato tomada como objeto de estudo da academia a partir do princípio do século XX e podemos considerar a obra de Nina Rodrigues, *O animismo fetichista dos negros baianos*, publicada em sua primeira edição em 1906, como um marco neste aspecto. De lá para cá mais de cem anos se passaram e a bibliografia relativa às religiões afro-brasileiras muito se avolumou neste período. Um dos balanços interessantes feitos sobre os estudos afro-brasileiros pode ser lido em um dos textos de Reginaldo Prandi, fruto de uma de suas conferências² intitulada *O que você precisa ler para saber quase tudo sobre as religiões afro-brasileiras*, posteriormente, transformada em artigo³. Todavia, a diversidade das religiões afro-brasileiras e, portanto, a vastidão da temática, embora tenha possibilitado ao longo dos anos, inúmeras pesquisas com enfoques os mais distintos, restam ainda muitas questões a serem discutidas. Tanto porque algumas de fato

¹ Doutora em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

² Conferência proferida em Congresso realizado pela ALER – Associação Latino-Americana para o Estudo das Religiões – em São Bernardo do Campo, de 03 a 07 de julho de 2006.

³ PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. BIB-ANPOCS, São Paulo, nº 63, 1º semestre de 2007, p.7-30. Disponível em:<<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/conferen.doc>>. Acesso em 10 fev. 2013.

receberam pouca ou nenhuma atenção da academia, quanto pela dinâmica própria do fenômeno religioso, que é vivo, não estático e assim as religiões se reinventam, gerando novos temas de pesquisa.

O livro de João Carneiro, dedicado ao povo de santo logo em suas primeiras páginas, possui uma característica bastante interessante que preenche uma das lacunas no campo de estudos afro-brasileiros, pois traz uma perspectiva inovadora de “construção teológica”, partindo das religiões afro-brasileiras, ou seja, a partir de um olhar interno. Além disso, o autor é ao mesmo tempo um estudioso e um praticante das religiões afro-brasileiras. Nesse aspecto, não é o único, como ele próprio lista em seu livro. Muitos outros autores vieram do “terreiro para a academia” ou “da academia para o terreiro”, neste rico movimento de troca de experiências, de afetações mútuas, lembrando Otávio Velho⁴, atualmente mais bem compreendido e estudado pela antropologia⁵. No entanto, penso que a singularidade do autor e de seu trabalho é que ambos estão inseridos num projeto pioneiro no Brasil que é o da Faculdade de Teologia Umbandista (FTU), fundada por Francisco Rivas Neto em 2003 e reconhecida pelo MEC em 2013, como bem se pode ver mais detalhadamente no livro de Carneiro.

A FTU, que tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho mais de perto no ano de 2010⁶, traz uma importante inovação tanto no campo religioso

⁴ VELHO, Otávio. O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais. In: TEIXEIRA, Faustino. *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmção de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 233-250.

⁵ As relações entre sujeito pesquisador – sujeito pesquisado, ou entre o “nativo” e o antropólogo, já foi bastante discutida na literatura antropológica. Cito como referência, além do texto já mencionado de Otávio Velho que também discute a questão, pensando mais especificamente a antropologia da religião, o texto de Eduardo Viveiros de Castro, intitulado *O nativo relativo*, publicado na revista *Mana* (CASTRO, Eduardo Viveiros de. *O nativo relativo*. *Mana* 8 (1), p. 113-148, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9643.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2014.) e o livro de Vagner Gonçalves da Silva, *O antropólogo e sua magia* (SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras. São Paulo: Edusp, 2006).

⁶ Durante as pesquisas realizadas para tese de doutoramento junto ao PPCIR-UFJF.

quanto no campo de estudos afro-brasileiros. De tradição oral, mas não exclusivamente, embora as religiões afro-brasileiras não possuam tal qual outras religiões um único livro sagrado, têm-se valorizado cada vez mais a tradição escrita e especialmente os ganhos que ela pode trazer em termos de memória, de sistematização, de preservação das tradições para o povo de orixá. Nesse aspecto, a umbanda antecede ao candomblé, pois a valorização da escrita vincula-se diretamente ao seu processo de legitimação e a fundação da Editora Eco nos anos 60, dedicada a publicações de trabalhos sobre a religião umbandista e assuntos relacionados, pode ser tomada como um marco neste sentido. Já no candomblé, entendemos o movimento como mais recente, quando os próprios babalorixás e ialorixás tomaram a escrita como mais um modo de preservação da religião. Um nome que se destaca nesse processo é o de Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do *Ilê Axé Opô Afonjá*, que já possui oito livros publicados, ocupa atualmente uma cadeira na Academia Baiana de Letras e ainda é colunista do jornal baiano *A Tarde*, com seus 89 anos de idade. A sua primeira obra veio a lume há mais de 10 anos atrás, demonstrando a importância que foi ganhando a escrita no âmbito das religiões afro-brasileiras.

Entretanto, a FTU vai além, pois se dispõe a formar profissionais que possam refletir academicamente sobre as religiões afro-brasileiras, numa perspectiva teológica, construída pelo próprio povo de santo. Sem querer substituir o saber oral, o aprendizado no terreiro, como bem coloca o autor, desejam, através da teologia afro-brasileira, interfacear o saber religioso com o saber acadêmico:

Esta importância da teologia não substitui em hipótese alguma a função e lugar do terreiro. Ao falar das crenças religiosas nas religiões afro-brasileiras, encontramos na iniciação certamente um dos seus elementos centrais. Nestas tradições, apenas o templo sob as orientações de um pai ou mãe de santo preparados para tal tem condições de iniciar um filho de santo. A

iniciação é efetivamente entrar na religião e caminhar nela. Em seus aspectos mais profundos de crença, fé.

Sendo assim, não precisamos substituir a razão acadêmica pela crença religiosa e nem vice-versa. Ambos são importantes e a teologia tem como função principal interfacear ambos (...)⁷.

Este desafio, a que se propõe enfrentar a FTU, pode ser visto como na verdade o desafio das Teologias, agora muito bem pluralizadas, pois o cenário se amplia com a existência da FTU. É também uma discussão muito próxima da própria discussão epistemológica da(s) Ciências da(s) Religião(ões), que também surge no universo acadêmico com uma proposta de difícil aceitação inicialmente, e que hoje se mostra consolidada.

Buscando uma descrição mais detida da obra, dividida em seis capítulos, temos no primeiro deles *Iniciando o diálogo*, uma introdução clara da proposta teológica na qual se insere o autor e do conteúdo do livro, em que conceitos importantes que serão tratados estão já ali pontuados como o de “escolas”, “vertente una do sagrado”, “umbandização”, ambos provenientes do Sacerdote Rivas Neto, mestre do autor, dentre outras definições. No segundo capítulo *Religiões afro-brasileiras: amplitude e profundidade do conceito*, o autor faz uma discussão do conceito de “religiões afro-brasileiras”, percorrendo historicamente sua construção, de Nina Rodrigues a Bastide e Verger, até autores mais recentes, a partir do levantamento bibliográfico feito por Prandi, já mencionado anteriormente⁸, com o intuito de demonstrar sua construção na academia e sua incorporação pelo povo de santo.

Em *De subclassificações dos cultos afro-brasileiros às escolas*, mostra como a literatura acadêmica vem classificando as muitas religiões de matrizes africanas e na sequência insere o conceito de “escolas” proposto por Rivas Neto, mostrando perspectivas de diálogo e distinções entre o conceito do sacerdote e

⁷ CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014, p.18.

⁸ PRANDI, Reginaldo. Op.cit.

as ciências sociais. É ainda neste capítulo que o autor traz as diversas “escolas” umbandistas, fazendo assim a aplicação do conceito e ressaltando a abertura permitida por ele: não traz uma perspectiva finita das escolas umbandistas. Ao contrário, traz uma perspectiva aberta, em construção, levando em consideração a dinâmica e a diversidade das religiões afro-brasileiras.

No capítulo quatro *Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada! – Mas também entre a marca mestra, o ofá, o cachimbo e os encantados*, discute o conceito de umbanda, retoma a controvérsia acerca das origens da religião umbandista, e, sob a perspectiva de “escolas”, traz a “umbanda cristã”, o Catimbó-Jurema ou “Umbanda nordestina”, tomando para tal principalmente os trabalhos de Luiz Assunção⁹; e a “umbanda esotérica”, dando destaque ao papel de W.W. Matta e Silva, nesta “escola” umbandista, como denomina Carneiro.

Posteriormente, o autor irá tratar de modo detido o conceito de *Umbandização*, no capítulo quinto de nome análogo. Para atingir seu objetivo, recupera os autores pioneiros do campo de estudos afro-brasileiros, chegando aos autores mais recentes (Yoshiaki Furuya¹⁰ e Luiz Assunção¹¹), dentre os quais se inclui Rivas Neto e sua proposta de releitura do conceito de umbandização.

Finalmente, no sexto capítulo, a guisa de conclusão, além da retomada de práxis dos pontos principais do livro, deixa o recado principal da obra que propõe, através dos conceitos apresentados, “alicerçar uma ponte entre a prática do terreiro e a análise acadêmica”.

Entendemos que o livro de João Carneiro assume uma grande importância no cenário das publicações acerca das religiões afro-brasileiras, pois inaugura a “pesquisa teológica formal no campo da teologia afro-

⁹ ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres: a tradição da Jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

¹⁰ FURUYA, Yoshiaki. “Umbandização dos cultos populares na Amazônia: a integração ao Brasil? *Possessão e procissão – Religiosidade popular no Brasil*. Osaka: National Museum of Ethnology, 1994. Disponível em: <http://ir.minpaku.ac.jp/dspace/bitstream/10502/1152/1/SER01_002.pdf>. Acesso em 20 nov. 2014.

¹¹ ASSUNÇÃO, Luiz. Op.cit.

brasileira”¹². Como bem colocou Reginaldo Prandi, prefaciador da obra, o trabalho de Carneiro atende a um público diversificado, transitando da academia ao terreiro e do terreiro a academia, aos moldes como foi construído. Certamente será lido nesta interface, em sintonia com a proposta apresentada, de construir coletivamente uma reflexão que tome como ponto de partida as próprias comunidades afro-brasileiras. Há evidentemente um grande e interessante desafio, pois levando em conta a diversidade das religiões afro-brasileiras, a obra abre caminho para diferentes produções discursivas, para uma teologia plural afro-brasileira ou para uma pluralidade de teologias no âmbito das diferentes religiões afro-brasileiras.

¹² CARNEIRO, João Luiz. Op.cit.,p.132.